

O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF (PT) E A CASSAÇÃO DE EDUARDO CUNHA (PMDB) EM COMENTÁRIOS NO FACEBOOK¹

Gabriel Reis Moraes Machiaveli²

Resumo:

O presente artigo tem o propósito de identificar e mapear os imaginários sociodiscursivos arregimentadas em comentários e réplicas de enunciados no site de rede social (SRS) Facebook, sob o pano de fundo de dois acontecimentos políticos: o impeachment de Dilma Rousseff (PT) e a cassação de Eduardo Cunha (PMDB). Utilizamos a Teoria Semiollingüística (TS) como método analítico destes imaginários sob a conceptualização de imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2007, 2015a, 2015b). Entendemos imaginários sociodiscursivos como dimensões tangíveis das representações sociais, divididas entre saberes de crença e conhecimento, movidas pelos sujeitos por meio das provas retóricas do pathos, ethos e logos. Para a interpretação dos éthé, utilizamos as contribuições de Maingueneau (2013; 2015). O ethos é uma noção discursiva que se dá no e pelo discurso. Constatamos, de início, que a arena ideológica proporcionada pelo Facebook ainda é tomada pelo discurso emocional da crença, não definindo caminhos para a solução de problemas, mas para a gestão do dissenso.

Palavras-chave: *Imaginários sociodiscursivos; Ethos; Facebook; Redes Sociais.*

Abstract:

The purpose of this article is to identify and map the social representations gathered in comments and replies of statements on the social networking site (SRS) Facebook, under the background of two political events: the impeachment of Dilma Rousseff (PT) and the Cassation of Eduardo Cunha (PMDB). We use Semiollingüistic Theory (TS) as an analytical method of these representations under the conceptualization of sociodiscursive imaginaries (CHARAUDEAU, 2007, 2015a, 2015b). We understand sociodiscursive imaginaries as tangible dimensions of social representations, divided between knowledge of belief and knowledge, moved by the subjects through rhetorical proofs of pathos, ethos and logos. For the interpretation of éthé we use the contributions of Maingueneau (2013; 2015). The ethos is a discursive notion that is given in and for discourse. We note, at the outset, that an ideological arena provided by Facebook is still taken by the emotional discourse of belief, not defining ways to solve problems, but to a management of dissent.

Keywords: *Sociodiscursive imaginaries; Ethos; Facebook; Social networks.*

¹ Este artigo é a sequência de uma pesquisa iniciada no mestrado sobre os imaginários sociodiscursivos emergidos no site de rede social (SRS) Facebook, defendida em agosto de 2016.

² Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura, pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ).

Introdução

O presente trabalho pretende identificar e descrever os imaginários sociodiscursivos emergidos em comentários de usuários do site de rede social (SRS) *Facebook*, a partir de dois acontecimentos políticos e discursivos, movidos, sobretudo, pela classe política representativa; são eles: o impeachment de Dilma Rousseff (PT), ocorrido em 31 de agosto de 2016; e a cassação do ex-deputado e ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), ocorrida em 12 de setembro de 2016.

Os dois acontecimentos são pano de fundo de diversas discussões político-partidárias que ocorrem simultaneamente no cotidiano midiático e conversacional. Nosso objetivo é fazer saber quais são os conhecimentos e crenças de mundo arregimentados pelos usuários durante discussões sobre estes acontecimentos dentro do SRS *Facebook*. Para isso, coletamos manualmente um conjunto de comentários e réplicas sobre os dois fatos publicados na *fanpage* do jornal Folha de São Paulo. Foram coletados dois comentários (um sobre o impeachment e outro sobre a cassação), e dez réplicas de cada comentário. Como operação analítica, utilizaremos como suporte teórico-metodológico a Teoria Semi linguística (TS), cunhada por Patrick Charaudeau (2007; 2008; 2015), e a sua conceptualização em torno dos imaginários sociodiscursivos. Os imaginários sociodiscursivos são apreensões de mundo acionadas pelos sujeitos a fim de alicerçar suas crenças e conhecimentos. Para que ocorra o entendimento mútuo entre os participantes do ato linguageiro, Charaudeau (2015b) ressalta a importância do discurso como transformação do real em significado e a transação entre este real significado como troca referencial entre os parceiros.

Os dois acontecimentos se desdobraram sobre diversas situações conflituosas, remanescentes desde o resultado das eleições presidenciais de 2014, em que Dilma Rousseff (PT) se reelegeu com cerca de 54 milhões de votos. De lá para cá, ocorreram manifestações que pediam seu impeachment, as quais ficaram mais evidentes, sobretudo, por grupos ligados *on-line*, como o Movimento Brasil Livre (MBL), Revoltados *On-line* e Vem pra Rua; e também por movimentos sociais em favor da manutenção do cargo majoritário escolhido nas urnas e em prol da Petrobrás, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Central Única dos Trabalhadores (CUT), dentre outras centrais sindicais e movimentos sociais.

Neste percalço, o *Facebook* toou como uma arena ideológica, nos termos de Bakhtin (2006), em que diversas representações sociais foram disseminadas, transformando este espaço num palco de uma polarização política em que os usuários se confrontaram entre impedimento de Dilma e a cassação de Eduardo Cunha, tendo como base argumentativa o antipetismo, o discurso neoliberal (MIOLTELLO, 2001), a meritocracia, o socialismo, a igualdade, a equidade etc. Daí ressaltamos a necessidade em compreender este espaço recente de representação ideológica e pública, como legitimação de uma polarização direcionada, majoritariamente, tanto por agenciamentos da mídia convencional brasileira, como também por agenciamentos inversos, promovidos por uma desmediação³ de portais de notícias, como a participação política de atores dentro de sites de redes sociais.

1. Arcabouço teórico

Toda troca comunicacional necessita de visões de mundo para que a recepção ocorra de maneira completa. Se existem dois interlocutores que apresentam visões de mundo diferentes, existirão diversos ruídos referenciais que prejudicarão o destino da mensagem. Pensando dessa forma, todo ato de comunicar necessita de dois interlocutores capazes de decodificar a mensagem. A Teoria Semiolinguística (TS), cunhada por Charaudeau (2005; 2007; 2008; 2015a; 2015b), entende a percepção do mundo por meio do processo de transformação (o tornar-se significado a partir de um sujeito falante) e do processo de transação (o meu mundo sendo significado a um sujeito destinatário). Esta significação do mundo se dá por meio dos imaginários sociodiscursivos.

Segundo Charaudeau (2007), os imaginários sociodiscursivos são modos de apreensão do mundo que constituem dimensões tangíveis e observáveis do mecanismo das representações sociais, construídos a partir de significações dos objetos e dos fenômenos que são produzidos pelos seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em um real significante. São processos de simbolização do mundo feitos pela intersubjetividade, na ordem afetiva e racional, repousados em uma memória coletiva. Na ordem afetiva e racional, temos os tipos de saberes que os

³ Entende-se por desmediação o advento da internet, bem como os sites de redes sociais, que proporcionaram a possibilidade de outras vozes midiáticas neste espaço, gerando, no mínimo, um jogo duplo de olhares sob as posições da mídia convencional (TV Globo, FSP, Estado de São Paulo, etc.).

sujeitos falantes utilizam para arregimentar seus dizeres: o saber afetivo (*pathos*), o saber como imagem de si (*ethos*) e o saber como argumento racional (*logos*).

Esse sistema de pensamento, observa Charaudeau (2007, p. 55), se dá com base em uma Gênese dos Saberes (*Genese des savoirs*). Segundo o autor (2015, p. 199), os sistemas de pensamento são produtos de uma explicação global do mundo, isto é, lugar onde estão as representações de saberes de conhecimento e de crença que visam estabelecer um conjunto de teorias, doutrinas e ideologias capazes de fornecer uma explicação do mundo.

Os saberes de conhecimento, segundo Charaudeau (2007, p. 55), são envolvidos pela verdade, ou seja, pela experiência ou pela ciência. Por sua vez, os saberes de crença são carregados de uma descrição voltada no mundo, não permitindo ser verificável, isto é, não sendo possível conferir um saber em sua totalidade. O saber de conhecimento é dividido entre saber científico e saber de experiência. O saber científico é determinado pela sua provação a partir de um aparelho metodológico. É o conjunto de todas as teorias (físicas, químicas, sociológicas, dentre outras) que permitem ao sujeito falante emitir uma verdade sobre o mundo. Estas teorias são formas de assimilar o mundo que podem ser refutadas por outra evidência. Charaudeau (2015b, p. 199) explica que, “na medida em que é confrontado com proposições contrárias ou com resultados contraditórios, pode-se dizer que [o saber científico] é aberto, pois aceita o questionamento pela observação e pela crítica”.

As teorias, deste modo, são modos de apreensão do mundo representados por saberes institucionalizados pela ciência (como a gravidade; o sol ser uma estrela etc.) que podem ser refutados por outras proposições que comprovem a falha de determinada observação ou método.

Ao contrário do saber científico, o saber da experiência é o modo de experimentação socialmente partilhado e aprovado por um consenso, sem garantia de uma provação. O saber de experiência, assim sendo, é quando “qualquer indivíduo pode afirmar um saber de experiência que ele experimentou e pode-se supor que qualquer outro indivíduo na mesma situação vai experimentar a mesma coisa”⁴ (CHARAUDEAU, 2007, p. 56 – tradução nossa).

O saber da experiência é um saber universalmente partilhado. Quando estamos em um restaurante e um copo de vidro cai de nossa mesa, nós sabemos que provavelmente ele irá quebrar com o impacto no chão. Não é preciso nenhuma teoria

⁴ Original: “tout individu peut se prévaloir d’un savoir d’expérience dès qu’il l’a éprouvé et qu’il peut supposer que toute autre individu dans la même situation éprouvera la même chose”.

para explicar que o copo, ao cair no chão, quebrará. Da mesma forma, as pessoas ao nosso redor, ao verem o copo caindo, também saberão que ele irá quebrar. O saber da experiência é um ponto de vista universal, em que por meio da empiria, outros indivíduos também podem partilhar do mesmo conhecimento.

Seguindo a *Gênese dos Saberes*, Charaudeau (2007, p. 56 – tradução nossa) define que os saberes de crença “não se relacionam com o conhecimento do mundo no sentido de que temos dado a ele, mas sobre as avaliações, apreciações, julgamentos sobre fenômenos, eventos e seres do mundo, seu pensamento e comportamento⁵”.

Sua estruturação se dá pela “revelação” – ambiente em que circulam as ideologias e doutrinas – e pela “opinião”, em que o sujeito busca validação pelo julgamento que realiza.

É preciso compreender o saber de revelação como um saber completamente fechado sobre uma “evidência” de saber e que seus discursos são suportados pela modalidade de evidência. São categorizados pela adesão e muitos discursos são operacionalizados a mascarar o saber de crença de revelação pelo saber de conhecimento. Esse mascaramento de uma doutrina ser transformada em teoria ou vice-versa (vemos a diferença entre o materialismo histórico e uma doutrina marxista⁶), se dá por meio de um jogo de estratégias discursivas propostas pelos doutrinadores.

O saber de crença também pode ser revestido através do julgamento de um fato do mundo. É o caso do saber de opinião:

A opinião resulta de um movimento de apropriação a partir de um objeto de conhecimento entre os saberes que circulam em grupos sociais. Este saber é, portanto, tanto pessoal e compartilhado, para que possa ser discutido. E mesmo quando aparece como uma enunciação generalizante, ou seja, como no caso dos provérbios, máximas e ditado, o sujeito sabe que esse conhecimento é questionável, a prova que todo provérbio responde a um contra-provérbio ⁷. (CHARAUDEAU, 2007, p. 58 – tradução nossa)

⁵ Original: “ne portent pas sur la connaissance du monde au sens que nous venons de lui donner mais sur des évaluations, des appréciations, des jugements à propôs des phénomènes, des événements et des êtres du monde, leur pensée et leur comportement”.

⁶ “Por exemplo, o marxismo pode ser considerado ora uma teoria, em função de sua tentativa de explicar sociopolítico-economicamente as sociedades ocidentais (o materialismo crítico), ora uma doutrina, na medida em que podia se referir a textos de um pai fundador (“uma religião da salvação”, afirma Morin, com seu profeta, Marx), ora uma ideologia, na medida em que respondia as aspirações humanas e afirmava princípios de vida (uma sociedade igualitária, sem classes)” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 202).

⁷ Original: “L’opinion résulte d’un mouvement d’appropriation de la part d’un sujet d’un savoir parmi les savoirs circulant dans les groupes sociaux. Ce savoir est donc à la fois personnel et partagé, c’est pourquoi il peut être discuté. Et même, lorsqu’il apparaît sous une énonciation généralisante, comme dans le cas des proverbes, maximes et dictons, le sujet sait que ce savoir est discutable, à preuve qu’à tout proverbe répond un contre-proverbe”.

Esse movimento de apropriação do sujeito ocorre por meio de um engajamento entre os grupos sociais, seja por rejeição ou adesão. A opinião é exercida através da avaliação do outro e de uma instituição; é capaz de manter determinados imaginários (como o imaginário do *ser* político; seus valores e compromissos) e refutar outros. Ela está no campo da doxa e é exercida por uma aceitação de grupos.

O saber de opinião, de modo geral, é o modo de apreensão do mundo por meio de avaliação de um fato do mundo. Essa avaliação ocorre por meio de um conjunto de crenças de determinado grupo. Contudo, a opinião é estabelecida de diferentes formas; pode ser constituída de um saber universal, de um saber relativo, ou de um saber restrito, isto é, uma opinião comum, relativa e coletiva.

A opinião comum é constituída de uma crença universal. Ao contrário das doutrinas como saber de revelação, a opinião comum é fruto da doxa. O sujeito se apropria de ditados e provérbios para manifestar sua visão de mundo. Pode ser representada por meio do “Todo mundo sabe que...”, não colocando a posição do sujeito como questionador do outro. “Com a opinião comum, o sujeito falante não está a reivindicar uma posição particular pois ele apropria do julgamento da doxa”⁸ (CHARAUDEAU, 2007, p. 58 – tradução nossa). A opinião relativa, por outro lado, ocorre a partir da emanção de um sujeito individual ou de um grupo restrito, contra outro grupo ou outra opinião. “A opinião relativa é aquela que se exprime no espaço de discussão da democracia”⁹ (Idem, p. 59 – tradução nossa). Se assemelha ao conflito, por ser tomada sempre em favor ou contra determinado grupo. São variáveis e os sujeitos sabem que seu processo é circunstancial e crítico. Por fim, a opinião coletiva se manifesta a partir da referenciação de um grupo sobre outro. É o caso dos imaginários sobre o português representados em piadas, como se o português fosse o bobo e sempre o perdedor da piada. São saberes revestidos de avaliações sobre outros grupos. Charaudeau (2007) explica como o conjunto de crenças que os espanhóis têm dos franceses e vice-versa. De uma forma local, os brasileiros têm uma visão dos argentinos e vice-versa. Isto é muito manifestado em jogos em que os dois países se enfrentam no futebol. São opiniões *essencializadas*.

A opinião coletiva é aquela que um grupo exprime a propósito de outro grupo. Ela consiste em colocar outro grupo em uma categoria definitiva e essencializante (...) trata-se de uma opinião com um forte valor

⁸ Original: Avec l'opinion commune, le sujet parlant n'a pas a revendiquer une position particuliere car il s'est approprie le jugement de la doxa

⁹ Original: “L'opinion relative est celle qui s'exprime dans l'espace de discussion de la democratie.”

identitário e que não se discute pois essencializa um grupo¹⁰ (CHARAUDEAU, 2007, p. 59 – tradução nossa).

Esse conjunto de saberes que descrevemos constitui a Gênese de Saberes proposta por Charaudeau (2007; 2015b). Apesar de não corresponder a uma análise globalizante ou verdadeira das supostas arregimentações dos sujeitos, compreendemos que cada sujeito ao tomar a palavra seu enunciado está carregado de conhecimentos e crenças de mundo compartilhados. Deste modo, enxergamos os imaginários sociodiscursivos como uma operacionalização capaz de mapear – por meio do discurso – não só os modos de apreensão de mundo dos sujeitos, mas as formas como os argumentos são formulados (*ethos; pathos; logos*) no fio do discurso.

O conceito de *ethos* que estudaremos neste trabalho condiz com o que Dominique Maingueneau (2013; 2015) cunhou de *ethos* discursivo, em referência ao conceito clássico de Aristóteles e aos avanços de Bathes¹¹ e Oswald Ducrot¹² (1984). A ideia de Maingueneau (2015) consiste em compreender o *ethos* como uma instância discursiva capaz de proporcionar ao enunciador a criação de uma imagem de si, como *ethos* visado, e que, a partir de uma instância subjetiva (fiador), ser capaz de gerar um tom (corporalidade sócio-histórica). Para cada *maneira de dizer* há uma *maneira de ser*, afirma o autor. Portanto, o *ethos* é uma noção discursiva, como explicado abaixo:

- o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica (MAINGUENEAU, 2015, p. 17).

Para garantia de um *ethos* efetivo, Maingueneau (2015) delinea uma configuração: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (mostrado), *ethos* dito; todo esse conjunto de elementos são ligados a estereótipos concebidos em um ‘mundo ético’. Nesse ponto, podemos contrastar o postulado de Maingueneau (2013; 2015) ao conceito de imaginários sociodiscursivos de Charaudeau (2007; 2015b), uma vez que o destinatário o interpreta a partir das “representações sociais avaliadas positiva ou

¹⁰ Original: “L’opinion collective est celle qu’exprime un groupe à propos d’un autre groupe. Elle consiste à enfermer l’autre groupe dans une catégorie définitive en l’essentialisant. (...) il s’agit d’une opinion à forte valeur identitaire et qui ne se discute pas et qui essentialise un groupe”.

¹¹ Obra referenciada por Dominique Maingueneau (2013): BARTHES, Roland. L’ancienne rhétorique. *Communications*, n. 16, 1966, p. 212.

¹² Obra referenciada por Dominique Maingueneau (2015): DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.

negativamente em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2015, p. 18).

Esse jogo de imaginários sociodiscursivos que envolve os interdiscursos¹³ dispostos em determinadas condições sócio-históricas ajuda-nos a compreender e a interpretar o *ethos*. Por isso, Charaudeau (2015b) observa alguns imaginários presentes em nosso cotidiano: o imaginário da modernidade como o conjunto de representações que grupos sociais constroem da maneira como percebem e julgam seu instante presente, com o objetivo de negar o passado e salientar o presente; o imaginário da tradição como um conjunto de representações acerca da origem dos valores basilares de uma comunidade, negando o progressismo da modernidade; o imaginário da soberania popular dividido entre o direito à identidade, igualdade e solidariedade.

2. Análise dos imaginários sociodiscursivos arregimentados em comentários

Pretendemos nesta seção identificar e descrever quais imaginários sociodiscursivos os usuários do SRS *Facebook* arregimentam para dar legitimidade aos seus dizeres. Para isso, coletamos um conjunto de comentários e réplicas¹⁴ entre os dias 27 e 28 de outubro de 2016 sobre os dois objetos de nossa pesquisa. Além da análise dos imaginários, também optamos por identificar léxicos que nos direcionam na constatação destes.

É importante frisar que, antes mesmo de analisar os comentários e réplicas, a instância produtora (a FSP)¹⁵ já possui o poder em agenciar determinados pontos de vista e ressalvas propostas pelos usuários. Primeiro pelo próprio usuário ter que expressar sua opinião dentro da *fanpage* FSP; e segundo, por diversas teorias compreenderem o dinamismo que o interesse da imprensa reflete na agenda do

¹³ Entendemos por interdiscurso o jogo de relações que um discurso particular pode ter com outros gêneros de discursos, já ditos e complementados anteriormente à enunciação de um sujeito. Nas palavras de Charaudeau e Maingueneau (2016): “Todo discurso (...) tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos”. É a relação de um discurso particular com discursos anteriores, já ditos, transformados e complementados.

¹⁴ Foram coletados dois comentários sobre os dois acontecimentos e dez réplicas de cada. Com o objetivo de apreender um número de comentários e réplicas autênticos, optamos por escolher a opção “Principais comentários”, proporcionada pelo SRS *Facebook*.

¹⁵ Neste trabalho utilizamos a sigla FSP para designar o jornal Folha de São Paulo.

público¹⁶. O veículo se reveste da transparência almejada pelo jornalismo, emprestando a credibilidade que o discurso jornalístico possui.

Por tratar de ambiente tecnológico, com suas regulações e restrições, sua situação de comunicação tende a se repetir nas demais análises, muito embora o ambiente concreto em que o sujeito comunicante digita seu enunciado não seja cabível de delimitar, como visto em Machiaveli (2016, p. 42):

Na situação da comunicação dos comentários analisados, temos um Eu-Comunicante como um usuário da rede social *Facebook*, podendo ser nomeado de *prosumer* (usuário-mídia) com acesso e capacidade de produzir informações a diversos Tu-Interpretantes sem estar em um meio de comunicação em larga escala. O Tu-Interpretante corresponde a outros usuários-mídia, também com acesso e capacidade de interpretação dos enunciados. Na esfera da enunciação, temos um Eu-Enunciador = provocador, que evoca um efeito de sentido sobre o fato, a conquistar um Tu-Destinatário capaz de compreender, reafirmar ou refutar sua argumentação. Do outro lado, temos os terceiros falantes, que o Eu-Enunciador também busca conquistar na arena discursiva dos comentários. Os terceiros são os usuários que visualizam os comentários e réplicas. Não têm relação direta com os interlocutores, mas são a principal “conquista” almejada. Enfim, os interlocutores debatem entre si buscando vencer o debate e influenciar os terceiros, que, muitas vezes, dialogam por meio de curtidas ou réplicas.

Portanto, cada usuário é um receptor e produtor de informação no SRS *Facebook*, tendo acesso a inúmeras enunciações e refutações. Na forma-enunciado que vemos na figura 1 (abaixo), há o comentário sobre o impeachment de Dilma (PT):



Fig.1. Comentário sobre o resultado da votação de impeachment de Dilma Rousseff (PT)

O comentário descreve o governo petista como um “império” dos maiores “traidores” do país. O substantivo “império” remete ao imaginário de soberania popular, por outorgar, digamos assim, a volta do Brasil às mãos de pessoas dignas de governá-lo. O imaginário da soberania popular é um imaginário patriótico e da

¹⁶ Esta questão é complexa, entretanto, podemos salientar diversos trabalhos sobre teorias da comunicação que reforçam o agendamento midiático a longo prazo (ver MCOMBS; SHAW, 1972; LYCARIÃO; SAMPAIO, 2016; MACHIAVELI, 2016). Charaudeau (2015a) explica a dupla função de audiência da mídia: a da credibilidade e de captação. Para a última, a mídia utiliza categorias patêmicas e estereótipos para garantir maior alcance entre a população.

democracia (o poder do povo). Nele é possível ver as representações de opiniões conflitantes. Os léxicos “nação” e “império” ressaltam a construção de um *ethos* patriótico com o uso da ironia – o uso das aspas tem dupla função: de citar a voz do próprio PT e de deslegitimá-lo – para legitimar o seu dizer. O verbo despejar no final do enunciado transmite também o imaginário sociodiscursivo de que o Brasil se livrou de estorvo (o verbo despejar como transitivo direto também pode significar o livramento de estorvos, obstáculos etc.), de um lixo a ser jogado fora para que o Brasil volte a crescer. A partir destas análises, concluímos que se trata de um saber de crença de opinião relativa.

Seguindo a análise, aparecem as primeiras réplicas ao comentário supracitado:



Fig. 2. Réplicas 1,2 e 3 ao comentário sobre o impeachment de Dilma (PT)

A primeira réplica é construída por indagações conflitantes em relação à opinião do primeiro locutor. Faz parte do imaginário do saber de conhecimento, o saber histórico. O enunciado transmite um efeito de sentido forjado por um *ethos* arrogante – de pessoa bem informada – sustentado pela agressão verbal, no caso a refutação do outro. Mesmo tendo referenciado o saber histórico, o enunciado é construído como uma opinião relativa. A segunda réplica é dialógica por remeter à placa “Tchau querida”, exposta por diversos deputados federais, em ocasião da votação de aprovação do prosseguimento do processo de impeachment (G1, 2016). Ela se insere no interdiscurso de quem foi a favor do impedimento da presidente. A construção patêmica é de opinião relativa. Já a terceira réplica é representada pelo imaginário do anti-petismo, pois julga o enunciatador da réplica 1 como “PTista” apenas por discordar do comentarista (figura 1). Sua construção é patêmica, com um *ethos* agressivo que produz o anti-*ethos* “PTista inútil” para legitimar o seu dizer. É composto pela opinião relativa no quadro de saberes de Charaudeau (2007).

As próximas réplicas (figura 3) são compostas pelo saber de crença de opinião relativa:



Fig. 3. Réplicas 4, 5 e 6 ao comentário sobre o impeachment de Dilma

O enunciado da quarta réplica é composto pelo *ethos* acadêmico (“sou formado em história”), pois indaga o locutor da réplica 1 a dizer quais são as fontes históricas de “seu comentário”. Já o enunciado da réplica 5 é composto por um *ethos* arrogante e agressivo. O locutor alicerça seu enunciado pelos imaginários da modernidade (CHARAUDEAU, 2015b), aquele que faz parte do interdiscurso da globalização, do neoliberalismo; e da Guerra Fria e da República Popular da China por enfatizar o caráter autoritário que existiu, segundo o enunciador, na União Soviética e na China. O enunciado 6 também é composto por um *ethos* agressivo, carregado de uma categoria patêmica (vontade de fazer seu adversário chorar).

Ressalta-se que as próximas réplicas também são compostas por agressões verbais em relação ao enunciado da réplica 1. Como vemos abaixo:

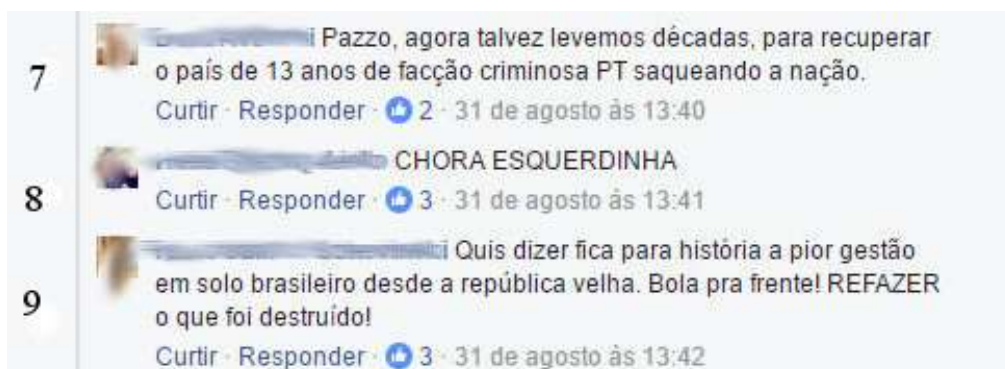


Fig. 4. Réplicas 7, 8 e 9 ao comentário sobre o impeachment de Dilma

A sétima réplica é representada pelo saber de crença de opinião relativa por adesão ao comentário da figura 1. É alicerçado pelos imaginários de que o Foro de São

Paulo seria uma “facção” e que o governo petista representou um descontrole financeiro ao saquear as instituições públicas. A oitava também é de uma opinião relativa, composta por um *ethos* anti-esquerda, gerando um efeito de sentido de ódio (*pathos*) por estar de caixa-alta. É representada pelo imaginário de que o PT representa a esquerda brasileira, além de diminuir o sujeito da réplica 1 (figura 2) por ser mulher. Há uma disputa de gênero ao identificarmos que o diminutivo “esquerdinha” gera um efeito de sentido de superioridade do enunciador. Logo, a nona réplica também é de opinião relativa, embora transmita um *ethos* esperançoso, abordando imaginários sobre a República Velha. O léxico “REFAZER” em caixa-alta representa também o tom patêmico do enunciado. A última réplica coletada (figura 5) é composta pelo saber de crença de opinião relativa, sendo representada pelo imaginário de que o PT é igual à corrupção, gerando um efeito de sentido de comoção e alívio.



Fig. 5. - Décima réplica ao comentário sobre o impeachment de Dilma.

Salienta-se que as réplicas constituíram uma agressão verbal à opinião contrária indagada pelo enunciador da réplica 1. A maioria das réplicas são preenchidas por uma imagem de si agressivo contra o “infortúnio” governo petista que “saqueou” o Brasil. Em oposição a isso, também analisaremos os comentários e réplicas publicados sobre a cassação de Eduardo Cunha (PMDB). Segue-se o comentário:



Fig. 6 - Comentário sobre a cassação de Eduardo Cunha (PMDB)

O comentário acima representa um efeito de sentido de que qualquer reivindicação do PT significa “golpe” e “perseguição”. Para legitimar o enunciado, há a construção de um *ethos* patriótico e esperançoso, regido pelos imaginários antipetista e contra corrupção. É uma opinião relativa que ressalta o interdiscurso sobre a má gestão petista.

A primeira réplica (figura 7) é uma opinião relativa por adesão à constatação do comentário sobre a “perseguição” e o “golpe” proferido pelos petistas. Desse ponto de vista, há o imaginário antipetista para confirmar a sua opinião.



Fig.7. Réplicas 1, 2 e 3 ao comentário sobre a cassação de Eduardo Cunha.

A réplica número 2 já é composta pelos imaginários de justiça e igualdade. O *ethos* aconselhador provoca um efeito de sentido de que o crime de Eduardo Cunha (PMDB) foi comprovado, e que a acusação contra Dilma não teria as mesmas evidências jurídicas. A próxima réplica é composta por um *ethos* arrogante, alicerçado pelo imaginário marxista da alienação (termo que designa a alienação do trabalho, isto é, uma cegueira e passividade em relação à sua venda como operário), sugerindo que o comentarista é alienado por não separar o PT da corrupção estrutural do Brasil.



Fig. 8. Réplicas 4,5 e 6 sobre a cassação de Eduardo Cunha.

O efeito de sentido da quarta réplica é de um *ethos* patriótico, embasando suas posições por meio dos imaginários anticorrupção e de soberania popular. O enunciador transmite um efeito emocional de alívio e esperança com a cassação de Cunha (PMDB). As construções etórica e patêmica se misturam aos imaginários para dar legitimidade e referência ao dizer. É um saber de crença de opinião relativa. A quinta réplica é forjada por um *ethos* de honesto, anticorrupção, sendo uma apropriação do discurso do comentarista (figura 6), que é indagada pelo enunciador da sexta réplica. O efeito

de sentido visado da sexta réplica indica que quem pediu o *impeachment* de Dilma (PT) foram pessoas “cegas” que não compreendem a corrupção estrutural do Brasil. É composto por um *ethos* irônico do saber de crença de opinião relativa, carregado de representações contra as manifestações a favor do *impeachment* (“coxas”).

A sétima réplica (figura 9) configura o imaginário do analfabeto político. É preciso pensar em Bertolt Brecht e seu famoso texto sobre o analfabeto político¹⁷. Diz o poeta alemão: “pior analfabeto é o analfabeto político”, “ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos”. Além de uma categoria patêmica (“azia”), o Eu enunciador dessa réplica refuta o comentarista (figura 6) e todas as outras colocações dos enunciadores das réplicas, onde identificamos um *ethos* arrogante perante seus interlocutores. Sua argumentação é carregada também pelo imaginário da cidadania (onde aparecem as representações do dever e do direito do cidadão).



Fig. 9. Réplicas 7, 8 e 9 sobre a cassação de Eduardo Cunha.

O enunciado da oitava réplica remete à um *ethos* indiferente à cassação de Cunha, embasando sua posição por meio do imaginário da igualdade e da justiça. É uma opinião relativa de que a cassação de Eduardo Cunha não foi vista como surpresa, mas como uma “obrigação” do Estado brasileiro à justiça. Na nona réplica há um *ethos* arrogante (“pior”; “quem”; “determinados políticos”), composto pelo imaginário de descrença à classe política. É uma opinião relativa carregada também por categorias patêmicas, como a abreviatura “pqp” que significa uma ofensa e um palavrão.

¹⁷ “O pior analfabeto É o analfabeto político, Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e o lacaio das empresas nacionais e multinacionais” (BERTOLD BRECHT – disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=493> Acesso em novembro de 2016.



Fig. 10. Última réplica sobre a cassação de Eduardo Cunha.

A última réplica é composta por um *ethos* arrogante e irônico. O efeito de sentido é indagar o comentarista (figura 6) sobre a parcialidade de seus julgamentos. É patêmica por seu conteúdo estar no imaginário do golpe contra a democracia, legitimado pelo *impeachment* de Dilma (“golpistinha”). Seu argumento é arregimentado pelos imaginários da igualdade (“antecipar crédito suplementar é igualzinho desviar milhões para Suíça né?”) e da soberania popular, a democracia; por isso faz parte do saber de crença de opinião relativa.

Como vimos na análise, todos os comentários fazem parte do saber de crença de opinião relativa, no quadro de Saberes de Charaudeau (2007). Segundo o autor, é no espaço da democracia que ocorre estas opiniões divergentes carregados de diversos imaginários. Vimos que o imaginário anti-petismo norteou a maioria das réplicas, o que nos direciona para a criação de *ethé* não apenas a favor do Brasil, mas, principalmente, contra o governo petista.

Considerações finais

A análise dos imaginários sociodiscursivos não pode ser compreendida de uma maneira completa, sem entremeios e defasagens sobre as condições sócio-históricas do dizer, ainda mais quando estamos trabalhando com uma situação de comunicação em ambientes virtuais, como o SRS *Facebook*, que é instável e não delimitada. Portanto, o que podemos ressaltar neste trabalho são as arregimentações dos interlocutores para legitimar seus dizeres por meio de visões de mundo, seja subjetivas (saber de crença) e objetivas (saber de conhecimento), a partir da interpretação e descrição do analista.

O resultado da análise nos mostrou que os comentaristas alicerçaram seus dizeres, principalmente, em representações sobre o governo petista, transformando as trocas languageiras em discursos de ódio contra quem discorde delas. Os dois comentários analisados (figuras 1 e 6) fazem parte do saber de crença de opinião relativa, segundo a gênese de Charaudeau (2007), em que os argumentos foram remetidos aos imaginários da soberania popular e o antipetismo. Indo de encontro aos comentários, a maioria das réplicas utilizaram o saber de crença de opinião relativa, sendo que apenas uma se embasou no saber de conhecimento.

Deste modo, vimos a refutação de um argumento sob o imaginário sexista e machista de superioridade do homem (figura 4), em que o enunciador utiliza o diminutivo “esquerdinha” para dar um tom de superioridade em relação à sua interlocutora. Vimos que o imaginário anti-petismo norteou grande parte dos comentários, muito deles com tom agressivo e de superioridade em relação ao interlocutor. Como na figura 2 em que o enunciador julga seu interlocutor como “PTista” apenas por discordar de opinião. Na figura 6 ocorreu o mesmo caso, em que o comentário indicou que toda reivindicação do PT seria golpe ou perseguição.

Portanto, a maioria dos comentários analisados trazem uma agressão verbal, seja ela de desqualificação ou refutação de seu interlocutor, não demonstrando atitudes que contribuiriam para a solução de problemas, como uma argumentação honesta sobre os dois acontecimentos políticos discursivos. A maioria das réplicas forma preenchidas por imagens discursivas agressivas contra o governo petista e também contra comentaristas que discordaram das opiniões. Como vimos em Charaudeau (2007), as opiniões de crença relativas fazem parte da democracia, entretanto, esse jogo de debater sem aprofundamento e visando desqualificar o outro não contribui para a evolução da nosso País.

À guisa de conclusão, a arena discursiva foi ocupada por um conjunto de *ethé* arrogantes e agressivos que não desenvolveram seus raciocínios, apenas reproduziram o indicado no interdiscurso das representações alicerçadas.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12^a ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2015a.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2015b.
- CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, Henri. **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Langue(s), discourse. v. 4. Paris: Harmattan, 2007. p. 49-63.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: os modos de organização do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3.ed, 2^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

- MACHIAVELI, Gabriel Reis Moraes. **As manifestações de março de 2015: a esfera pública, o discurso polêmico, e o jogo dos imaginários sociodiscursivos.** Dissertação (Mestrado). 106f. Programa de Mestrado em Letras (Promel). Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Agosto de 2016.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. – 6 ed. ampl. – São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos Discursivo.** – 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

Artigo recebido em: 01/08/2017

Artigo aprovado em: 13/12/2017